

Possibilidades e desafios no ensino das práticas corporais de aventura nas aulas de Educação Física escolar

RESUMO

Trata-se de uma pesquisa qualitativa com o objetivo de compreender os limites, possibilidades e contribuições das Práticas Corporais de Aventura nas aulas de Educação Física em uma turma de 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola da Rede Municipal de Ensino de Curitiba. Os participantes da pesquisa foram 30 alunos, entre 9 e 10 anos, de uma turma de 5º ano do Ensino Fundamental. Foram organizadas aulas na disciplina de Educação Física, visando vivência das modalidades de orientação, *slackline*, arvorismo, *parkour* e skate. A coleta de dados foi feita a partir de questionário semiaberto, relatórios de campo e relato escrito dos estudantes. Os dados foram analisados e interpretados a partir da identificação de categorias de análise. Os resultados da pesquisa revelam que as Práticas Corporais de Aventura podem contribuir com ações ambientais, modificando a relação ser humano e natureza, de modo crítico, democrático, emancipatório e transformador.

PALAVRAS-CHAVE: Educação ambiental; Educação física; Práticas corporais de aventura

Dilvano Leder de França

Mestre em Educação
Universidade Federal do Paraná, Curitiba,
Brasil
dihlleder@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-3078-0151>

Soraya Corrêa Domingues

Doutora em Educação Física
Universidade Federal do Paraná, Curitiba,
Brasil
domingues.soraya@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-7486-8425>

Possibilities and challenges in teaching adventure body practices in school Physical Education classes

ABSTRACT

This is a qualitative research with the objective of understanding the limits, possibilities and contributions of Practice Body Adventure in Physical Education classes in a class of 5th grade of Elementary School in a Teaching Municipal Network School in Curitiba. The participants of this research were 30 students, between 9 and 10 years average, at 5th grade of Elementary School. The data collected in Physical Education classes were in order to experience the orienteering, slackline, tree climbing, parkour and skateboarding. Data collection was carried out using a semi-open questionnaire, fields reports and written account of students. The interpreted data were by identifying analysis categories. The results reveal that Practice Body Adventure can contribute to environmental actions, modifying the relationship between human and nature, critically, democratic, emancipatory and transformative.

KEYWORDS: Environmental education; Physical education; Practice body adventure

Posibilidades y desafíos en la enseñanza de prácticas corporales de aventura en las clases de Educación Física escolar

RESUMEN

Se trata de una investigación cualitativa con el objetivo de comprender los límites, posibilidades y contribuciones de las Prácticas Corporales de Aventura en las clases de Educación Física en una clase de 5° año de Enseñanza Fundamental de una escuela de la Red Municipal de Educación de Curitiba. Los participantes de la investigación fueron 30 alumnos, entre 9 y 10 años, de una clase de 5° grado de primaria. Se organizaron clases en la disciplina de Educación Física, con el objetivo de experimentar las modalidades de orientación, línea floja, escalar árboles, parkour y andar en patineta. La recolección de datos se realizó mediante un cuestionario semiabierto, informes de campo e informes escritos de los estudiantes. Los datos fueron analizados e interpretados a partir de la identificación de categorías de análisis. Los resultados de la investigación revelan que las Prácticas Corporales de Aventura pueden contribuir a las acciones ambientales, modificando la relación entre los seres humanos y la naturaleza, de forma crítica, democrática, emancipadora y transformadora.

PALABRAS-CLAVE: Educación ambiental; Educación física; Prácticas corporales de aventura

INTRODUÇÃO

O ser humano, sendo parte da natureza, sempre esteve em contato com a mesma, seja para viver, caçar, explorar, ou mesmo numa caminhada ao fim de tarde num parque no centro de uma agitada cidade. O fato é que estamos em constante contato com os elementos naturais: o ar, a água, as plantas, os animais. Entretanto, com o passar dos tempos, o ser humano criou uma relação de distanciamento com a natureza.

Motivados pela retomada da sua relação com o meio natural, o ser humano volta seu olhar para a natureza, considerando-a como uma possibilidade de fuga do cotidiano intenso das cidades. E o faz por meio de passeios, trilhas e acampamentos, turismo e até mesmo por meio de práticas esportivas na natureza, com a finalidade da busca do sentimento de prazer, do lúdico, de qualidade de vida e lazer. Subir uma montanha ou explorar uma trilha em meio à mata já não é mais um instinto de sobrevivência, mas um propósito de liberdade e desafio.

Nas últimas décadas, práticas esportivas em meio à natureza conquistaram novos adeptos, o que provocou um aumento do número de participantes de Atividades de Aventura na Natureza. Alguns elementos – como meios de comunicação instantâneos, *GPS (Global Positioning System)*, equipamentos técnicos sofisticados para práticas específicas de aventura e o aumento do número de guias e instrutores especializados em tais práticas – colaboram para isso, assim como auxiliam no descobrimento de novos lugares e oportunidades para a realização dessas práticas. Visto o crescimento dessas práticas, é fundamental que este tema também seja discutido pela Educação Física, já que se trata de uma prática corporal em ascensão na sociedade.

As vivências e experiências de atividades fora das salas de aula, em contato com outros ambientes de aprendizagem, proporciona o conhecimento de si e do mundo, da sua natureza e da natureza externa, o seu meio, conhecendo diversos espaços urbanos, como possibilidade para reflexão do pensar "com" os outros e não somente "sobre" os outros. Entretanto, as Práticas Corporais de Aventura (PCAs) formam um conteúdo recente nas práticas dos professores de Educação Física. Até pouco tempo, essas atividades não compunham o conjunto de conteúdo das aulas de Educação Física nos documentos que norteiam o ensino no Brasil, o que muda com a presença das PCAs na Base Nacional Curricular Comum (BNCC) (BRASIL, 2017).

Outro aspecto que ainda contribui na ausência dessas práticas nas escolas refere-se, em muitos casos, a concepção da equipe pedagógica, administrativa, pais e professores, a respeito de que certas PCAs (rapel, skate, arvorismo etc.), são inadequadas para a escola por serem perigosas e,

por essa razão, inviáveis de serem praticadas de maneira legítima, em virtude da falta de equipamentos necessários para a prática, do conhecimento dos professores, entre outros motivos.

O estudo realizado por Capaverde, Medeiros e Alves (2012) com 18 professores de Educação Física, das escolas da Rede de Ensino Estadual, Municipal e particular na cidade de Osório, Rio Grande do Sul, demonstrou que a maioria desses professores acredita que a realização de Práticas Corporais Aventura na escola não é viável. São citadas como causas: a falta de materiais, falta de estrutura, falta de qualificação, custo elevado de equipamentos, além dos riscos inerentes a essas práticas.

Portanto, o presente estudo pode contribuir com a reflexão quanto às manifestações corporais, culturais e sociais por meio do investimento nas PCAs nas aulas de Educação Física. Além disso, essas práticas trazem possibilidades para a vida na dimensão da Educação Ambiental, no sentido de fazer aproximações entre as áreas da Educação Ambiental e da Educação Física escolar. As atividades proporcionam, por sua vez, integração e valorização dos espaços escolares e públicos, problematizando a relação do ser humano com o meio ambiente, seja ele natural e/ou urbano através da organização de estratégias lúdicas na Educação Física escolar. Este estudo também contribuir na discussão do tema dentre os demais professores de Educação Física que porventura venham desenvolver as PCAs em suas aulas, inserindo-as como conteúdo teórico e metodológico nas aulas de Educação Física escolar.

As PCAs originalmente são realizadas em ambientes naturais. Porém, atualmente, são vivenciadas também em ambientes urbanos, o que as transforma em possibilidade de vivência no ambiente escolar, nas aulas de Educação Física. Com base nesse quadro, surge o problema dessa pesquisa: é possível a vivência das Práticas Corporais de Aventura nas aulas de Educação Física escolar na dimensão da Educação Ambiental, e quais os limites, possibilidades e contribuições que essas práticas podem revelar sendo desenvolvidas no ambiente escolar?

Sendo assim, o objetivo do estudo é compreender os limites, possibilidades e contribuições pedagógicas das Práticas Corporais de Aventura na dimensão da Educação Ambiental nas aulas de Educação Física em uma turma de 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola da Rede Municipal de Ensino de Curitiba.

METODOLOGIA

A presente pesquisa se classifica como pesquisa qualitativa. Para Gil (2022) as pesquisas de caráter qualitativo permitem a obtenção de respostas para questões que não podem ser quantificadas, assim, é possível concebê-las como uma interpretação da realidade social, pois

funciona oportunizando abertura para ouvir os informantes, e não controlando variáveis (MINAYO, DESLANDES e GOMES, 2012; STRAUSS e CORBIN, 2008).

Os participantes da pesquisa foram estudantes de uma turma de 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola da Rede Municipal de Ensino de Curitiba. A turma era composta de 30 estudantes (15 meninos e 15 meninas) entre 9 e 10 anos.

Foram selecionadas as modalidades de PCAs: orientação, *slackline*, arvorismo, *parkour* e skate, as quais foram desenvolvidas nas aulas de Educação Física (duas aulas semanais) no período de um trimestre.

A coleta de dados aconteceu por meio de questionário semiaberto, relato das aulas e diário de campo. A análise dos dados teve como pressuposto alguns elementos essenciais que podem ser chamados de categorias, essas categorias têm como característica se configurarem como representações dos fenômenos percebidos a partir da vivência com as práticas.

Para a análise e interpretação dos questionários semiabertos e dos relatos escritos, foram seguidas algumas etapas:

- a) verificação da frequência com que as descrições de palavras e frases relacionadas ao fenômeno estudado aparecem nas respostas dos questionários e relatos escritos dos estudantes;
- b) análise da relevância dos dados apresentados nas respostas;
- c) identificação de categorias de análise, apresentadas por meio de descrições dos dados.

Antes de iniciar a pesquisa os participantes assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) e encaminhado para leitura e assinatura dos pais ou responsáveis dos participantes o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

O estudo atendeu a resolução Nº 466, de 12 de dezembro de 2012, que regulamenta toda pesquisa envolvendo seres humanos (BRASIL, 2012). O projeto de pesquisa também foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal do Paraná, CAAE: 47933115.8.0000.0102, foi aprovado pelo Departamento de Ensino Fundamental da Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura Municipal de Curitiba e autorizado pela direção da escola.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O levantamento dos dados, por meio dos questionários semiabertos, relato das aulas e observação do pesquisador possibilitou identificar as seguintes categorias para análise: conhecimentos prévios dos estudantes; intencionalidade e participação dos estudantes; as Práticas Corporais de Aventura e educação ambiental; Práticas Corporais de Aventura e a interdisciplinaridade; limites e possibilidades.

Conhecimentos prévios dos estudantes

A primeira categoria a ser tratada na análise dos dados é um panorama inicial dos conhecimentos prévios dos estudantes em relação às temáticas aqui discutidas. Tal categoria emerge da análise dos relatos dos alunos, das observações do pesquisador e dos questionários semiabertos, respondidos pelos alunos participantes.

As observações iniciais do pesquisador revelam que os alunos participantes desta pesquisa demonstravam interesse pelas práticas corporais nas aulas de Educação Física, principalmente, pelas práticas esportivas em detrimento à outras práticas corporais não tradicionais.

Por essa razão, muitos estudantes desconheciam outras possibilidades para as aulas de Educação Física. Logo, outros alunos, por não se interessarem pelas práticas tradicionais e esportivas, deixavam de participar das aulas, optando por ficarem sentados e somente as observando.

Levando em consideração esses apontamentos, os primeiros desafios foi revelar as possibilidades de vivência das PCAs como conteúdo a ser desenvolvido nas aulas de Educação Física escolar.

Nas primeiras aulas, em que as atividades foram vivenciadas, foi observado certa resistência por parte dos alunos em relação às PCAs propostas. Eles demonstraram estar habituados a práticas esportivas tradicionais, que já vinham sendo realizadas nas aulas de Educação Física em anos anteriores. Por consequência, as propostas de vivência das PCAs tornaram-se ainda mais desafiadoras, pois se apresentaram como atividades que modificariam uma realidade, tanto dos alunos, quanto da própria escola em relação à Educação Física. Por outro lado, a apresentação dessas práticas gerou expectativas tanto para os estudantes, quanto à equipe pedagógica, professores de Educação Física e professores de outras áreas.

As práticas vivenciadas nas aulas de Educação Física ainda foram de conhecimento dos pais e/ou responsáveis desses estudantes, os quais continuamente aprovaram as práticas, concedendo *feedback* positivo em reuniões de pais e encontros informais durante o período da pesquisa. Muitos pais mencionaram as práticas como atividades que contribuíram com a atenção e aprendizado de seus filhos.

Considerando esses aspectos iniciais da pesquisa, nesta primeira categoria de análise serão apresentados dados que revelam um panorama inicial a respeito dos conhecimentos prévios desses estudantes no que se refere às PCAs. Os principais dados deste panorama inicial foram obtidos por meio de questionário semiaberto, instrumento que permitiu a realização de um diagnóstico sobre os

conhecimentos prévios dos estudantes em relação aos aspectos conceituais e de suas vivências anteriores com as PCAs.

Em relação aos conhecimentos prévios dos estudantes a respeito das PCAs, os dados do questionário revelam que, para os alunos, as PCAs são atividades relacionadas com a natureza, visto que, citaram em suas respostas palavras e frases que destacam a relação dessas práticas com os ambientes naturais: rios, matas, praias, montanhas, cavernas etc. Os estudantes também citaram exemplos dessas práticas, como: caminhadas em trilhas, escalada, *parkour*, bicicleta, patins, *slackline* e o surfe. Os alunos também relacionaram essas atividades como sendo práticas de caráter radical, que compreendem uma relação com o medo e a coragem.

Em contrapartida, não foram todos os estudantes que contribuíram com essas respostas, dos 30 (trinta) alunos participantes da pesquisa, somente 9 (nove) conseguiram relacionar, em suas respostas, elementos que fizessem referência as PCAs.

Quando perguntado aos estudantes, via questionário, quais eram as PCAs que eles conheciam, as respostas revelam que grande parte das modalidades conhecidas pelos alunos estavam relacionadas, estritamente, às práticas urbanas. Dentre as práticas mencionadas, destacam-se: a escalada (que pode ser vivenciada em ambientes fechados, como clubes, academias, escolas etc.), o skate, o patins, a bicicleta, o *parkour* e o *slackline*. Todas essas modalidades têm como característica comum a integração dos participantes com os espaços urbanos.

Esses primeiros resultados corroboram os estudos de Almeida (2009), indicando que as PCAs despertam o interesse dos alunos devido a sua atualidade. A contemporaneidade e a significação cultural dessas práticas para as aulas de Educação Física consistem em excelentes possibilidades de valorização da Cultura Corporal e dos conhecimentos precedentes dos estudantes. Nessa perspectiva, desenvolver as PCAs torna-se relevante, por ser também uma possibilidade de os alunos continuarem vivenciando essas modalidades fora do ambiente escolar, como opção de ampliação da Cultura Corporal, melhora na qualidade de vida, lazer e contato com o meio ambiente.

O questionário também revelou que metade dos estudantes participantes da pesquisa realiza ou já realizou alguma Prática Corporal de Aventura. Quanto às modalidades das práticas praticadas, as respostas revelam que as PCAs que os alunos vivenciam ou vivenciaram são semelhantes as modalidades que eles conhecem. Novamente, destacaram-se as práticas que podem ser realizadas em espaços urbanos. Um ótimo exemplo é o skate, atividade muitas vezes preterida nos planejamentos das aulas de Educação Física, mas que faz parte do cotidiano de muitos alunos. Outras modalidades também foram evidenciadas pelos estudantes, dentre elas estão: *slackline*, bicicleta, *parkour* e patins, práticas essas que, igualmente, evidenciam características urbanas.

Quando perguntado aos estudantes, por meio de questionário, se já haviam vivenciado alguma Prática Corporal de Aventura na escola, 26 estudantes responderam que nunca tiveram qualquer vivência de PCAs no ambiente escolar. Esses dados corroboram o estudo de Inácio, Moraes e Silveira (2013), que revela a ausência da temática nos planejamentos dos professores de Educação Física atuantes.

As respostas dos questionários também revelam que, para os alunos participantes, as PCAs são práticas atrativas, pois estão relacionadas à ludicidade, ao ato de brincar, à diversão, à amizade, ao trabalho em equipe e à alegria e emoção que estas atividades oportunizam aos praticantes.

Outro aspecto bastante evidenciado nas respostas dos estudantes foi a possibilidade de, por meio dessas práticas, vivenciar novidades proporcionadas pelo convívio com a natureza. Outro ponto que merece atenção nesta análise é o da superação que essas práticas podem proporcionar. Estes aspectos da superação e da persistência, do tentar de novo, também foram evidenciados nas respostas dos alunos, além da relação entre o perigo e o medo.

Intencionalidade e participação dos estudantes

O estudo de Inácio (2008) destaca que as PCAs proporcionam diversão, alegria, companheirismo, superação, aventura, prazer, cooperação, solidariedade, dentre outras sensações aos seus praticantes. Em consonância a essas constatações, foi analisado nesta pesquisa, por meio dos relatos escritos dos alunos, que as PCAs vivenciadas nas aulas de Educação Física despertaram, de fato, a intencionalidade dos estudantes a participarem das práticas propostas.

É importante ressaltar que, num primeiro momento, parte dos estudantes participantes desta pesquisa apresentou resistência em relação às atividades. Isto porque esperavam por práticas esportivas tradicionais, como: o futsal e o voleibol. No entanto, quando essa primeira fase foi superada, os estudantes constataram que as práticas propostas eram atrativas. Deste ponto em diante os alunos participaram de todas as atividades propostas.

A análise dos relatos escritos permitiu apontar que a diversão constituiu um dos principais aspectos da intencionalidade dos alunos para participar das PCAs propostas. Os aspectos de diversão foram citados em 19 (dezenove) dos 30 (trinta) relatos. Essa informação tem a ver com a afirmação do estudo de Inácio (2008), que ressalta o caráter lúdico das práticas, quando proporciona momentos de diversão e alegria.

As observações ressaltam que as PCAs, vivenciadas nas aulas de Educação Física, oportunizaram momentos de alegria e emoção aos estudantes. Esses sentimentos levaram os estudantes a desenvolver a intencionalidade em participar das práticas propostas. Em conformidade

com esses dados, o aluno 11, quando se refere as suas experiências em vivenciar tais práticas, escreve em seu relato:

"[...] Foi muito legal, me trouxe felicidade, alegria e compaixão [...]"

As práticas de orientação e *slackline* revelam particularidades muito significantes. A principal delas é se constituírem no ambiente escolar como atividades intencionais, ativando a cooperação e proporcionando momentos de alegria, em virtude das conquistas alcançadas nas tarefas coletivas. Essas práticas proporcionaram possibilidades de manifestação do elemento lúdico, da liberdade e do prazer, potencializando mudanças pessoais, despertando valores, como: amizade, solidariedade e superação de desafios, aspectos estes apontados nas análises teóricas, por meio dos estudos de Marinho (2004). O relato de uma das alunas após a prática de orientação evidencia exatamente os aspectos da alegria e da diversão:

"Hoje na aula, a única coisa que não deu certo, foi eu ficar triste."

A autonomia que a prática de orientação requer dos alunos foi um aspecto da intencionalidade para a participação dos estudantes. Esta atividade possibilita liberdade e autonomia dos participantes na execução das tarefas, estabelecendo uma relação de integração com os diversos espaços da escola. A orientação vai ao encontro de aspectos os quais já eram recomendados ao professor por meio dos PCNs para Educação Física (BRASIL, 1997), para que utilize os mais variados espaços para a realização das práticas nas aulas de Educação Física.

Ao final de uma dessas aulas, com o tema orientação, foi perguntado aos alunos se eles gostaram da atividade. Como resposta, eles afirmaram que sim, e ainda complementaram:

"Foi muito legal! Foi a melhor aula que tivemos! Vamos fazer de novo!"

Na aula seguinte, posteriormente a uma atividade de caça ao tesouro (prática esta correspondente ao tema orientação) uma das alunas informou ter se reunido com algumas amigas e colegas da própria turma para realizar uma caça ao tesouro em sua própria casa. Ela complementou afirmando que desfrutaram de uma brincadeira extremamente divertida, demonstrando que as PCAs são uma possibilidade de lazer (BRASIL, 1997). Nesse sentido, há uma convergência dos fatos com o ponto de vista de Friedmann (2001), que afirma que devemos pensar na formação de um ser humano preocupado, também, com as questões do lazer para além dos muros da escola.

As práticas do *parkour* e do arvorismo, assim como as práticas de orientação e *slackline*, proporcionaram uma valorização dos aspectos lúdicos, peculiares da infância, contribuindo para a participação positiva dos estudantes. Essas observações, novamente, corroboram a afirmação de Marinho (2004) quanto as PCAs, sendo capazes de proporcionar possibilidades de manifestação do elemento lúdico. O resgate da ludicidade torna-se imperativo em virtude do tempo que muitos alunos passam em frente a computadores, televisão, tablets e celulares. Por isso, proporcionar atividades corporais de caráter lúdico é tão fundamental para a formação integral dos estudantes.

Por meio dos relatos escritos dos alunos e as observações do pesquisador, foi constatado que as PCAs motivaram os estudantes a participar das aulas de Educação Física. Essas práticas, conforme Pociello (1995), proporcionam a exploração de novas energias, novas sensações e a harmonia com os elementos da natureza, o que torna essas práticas uma fonte de prazer, descobertas e superação de limites, além de serem atividades diferenciadas e pouco tradicionais nas aulas de Educação Física escolar. Um ótimo exemplo é a prática do skate, atividade que explora novas sensações, permite a ampliação das possibilidades corporais, além de integrar os estudantes ao ambiente escolar, valorizando uma prática corporal de uma temática em ascensão social (MARINHO, 2004).

O skate, por exemplo, é uma atividade que faz parte do cotidiano de vários alunos participantes desta pesquisa, mas ainda pouco tratada e vivenciada na escola. Essa modalidade permitiu aos alunos demonstrarem seus conhecimentos precedentes durante as aulas, o que contribuiu para a intencionalidade na participação das aulas.

A confiança, a esperança, a positividade, a superação, a conquista e a perseverança também foram aspectos ressaltados pelos alunos nos relatos escritos.

Aluno 7: "[...] No esporte de aventura aprendi que se precisa de coragem e enfrentar seus medos [...]".

Aluno 16: "[...] Aprendi também que devemos correr atrás dos sonhos e ajudar as outras pessoas [...]".

Os relatos dos alunos 7 e 16 evidenciam os aspectos de esperança, perseverança e superação, legitimando os estudos de Marinho (2004) e Inácio, Moraes e Silveira (2013), que apontam as práticas corporais como oportunidades para mudanças de atitude e comportamentos, resgate de valores, atribuição de confiança, superação, revitalização de forças, dentre outras sensações e sentimentos.

Os dados aqui apresentados, por meio das observações do pesquisador e dos relatos dos estudantes, evidenciam que as PCAs foram capazes incentivar a participação nas aulas, mas foram além: proporcionaram momentos de alegria e superação de si e das atividades em coletivo.

As Práticas Corporais de Aventura e Educação Ambiental

O processo industrial e as mudanças culturais na sociedade moderna, influenciados pelas tecnologias e as novas configurações das cidades (que acabam reduzindo os espaços para o lazer e o brincar), contribuem no afastamento do ser humano do meio ambiente e do seu próprio corpo (GONÇALVES, 1986). Polli e Signorini (2012) também corroboram esta afirmação, afirmando que a sociedade está cada vez mais envolvida com as tecnologias. Conseqüentemente, os valores ambientais não têm mais referência na sociedade atual.

Além disso, os estudantes sofrem influências de uma concepção da sociedade moderna sobre o corpo, como um elemento que deve ser controlado e disciplinado. Nesse sentido, as aulas de Educação Física escolar muitas vezes acabam por ser momentos nos quais o objetivo (de maneira equivocada) é a disciplina do corpo (GONÇALVES, 1986). Por meio das PCAs as aulas de Educação Física podem desempenhar um papel de aproximação do aluno consigo mesmo e com o meio ambiente (FRANCO, 2008; INÁCIO, MORAES e SILVEIRA 2013). As práticas, quando vivenciadas no ambiente escolar, podem oportunizar discussões e reflexões sobre a integração ser humano e natureza, consciência de atitudes em relação ao meio ambiente e integração dos estudantes com os espaços verdes, tanto na escola quanto em ambientes externos.

Para os alunos, foi possível se integrar aos espaços verdes da própria escola, aguçar a sensibilidade ecológica e participar de momentos de discussões quanto a importância da conservação e o cuidado com o meio ambiente. Nos relatos escritos, 13 (treze) alunos enfatizaram o contato com a natureza como um dos aspectos mais memoráveis da vivência das PCAs. Esses alunos também destacam a paz e a tranquilidade como o diferencial dessas atividades em ambientes fora da sala de aula. O contato vivenciado pelos alunos com a sua própria natureza e com ambientes verdes é consonante a afirmação de Eliade (1977 apud BRUHNS, 2010, p. 159), ao firmar que este contato "reintegra o homem numa época atemporal, num tempo auroral, paradisíaco, para além da história".

Outro aspecto extremamente enfatizado pelos alunos nos relatos escritos vai ao encontro do que é afirmado por Franco (2008). Trata-se da responsabilidade e do comprometimento para com a conservação ambiental. É possível observar esta preocupação no relato escrito do aluno 17:

"[...] O surf é muito legal, porque ele não polui o ar nem o mar, então ele é um esporte da natureza [...]".

Essas preocupações quanto às questões ambientais foram observadas também por meio de falas e de atitudes. Em uma das aulas de *slackline*, durante o processo de montagem dos equipamentos nas árvores, alguns alunos identificaram o impacto ambiental causado pela instalação do *slackline* numa mesma árvore. Como solução, os mesmos alunos propuseram que, a cada aula, a instalação do equipamento entre as árvores fosse alternada, para minimizar os impactos que o uso repetido poderia causar.

Conforme análise dos dados de observação do pesquisador, apoiado na literatura (BRASIL, 2017; TAHARA e FILHO, 2012; MARINHO e INÁCIO, 2007), essas ações demonstram que, por meio do processo de reflexão sobre a importância de proteção e cuidado com o meio ambiente e por meio da vivência da prática do *slackline*, as PCAs se refletiram em ações de conscientização ambiental. Essas ações também foram observadas em práticas do *parkour*, pois essas atividades valorizaram a vivência e a integração dos alunos com os espaços da escola. Houve uma conversa sobre os cuidados com os locais utilizados na realização dessa atividade, tanto dentro quanto fora da escola. Essas práticas consideraram o cuidado com os espaços e o patrimônio público versus o vandalismo e depredação. O relato do aluno 1 evidencia isso:

"[...] Eu aprendi que o parkour você tem que ter cuidado para não quebrar as coisas [...]".

As atividades da temática skate, por sua vez, permitiram discussões a respeito da utilização tanto do skate quanto da bicicleta como meio de transporte sustentável. Essas práticas demonstraram que as vivências propostas foram capazes de oportunizar reflexão e discussões, no que diz respeito às questões ambientais de sustentabilidade, além de valorizar as discussões sobre o valor da atividade física, lazer e qualidade de vida. O relato do aluno 6 evidencia como essas práticas puderam contribuir no processo de conscientização ambiental:

"[...] Skate: é como se fosse um transporte sem sair fumaça [...]".

Os dados apresentados acima estão em conformidade com Betrán e Betrán (2006), ao apontarem que as PCAs favorecem a conscientização e a sensibilização do aluno para com o meio natural e seus problemas, promovendo uma educação ambiental baseada no conhecimento das características dos ambientes utilizados. As PCAs, vivenciadas em ambientes urbanos,

oportunizaram a conscientização ambiental de tal modo a ser compreendida a importância do respeito e da conservação desses espaços.

As experiências corporais, vivenciadas a partir das PCAs, intensificam a relação corpo-espaço, possibilitando aos estudantes que se reconheçam como parte do ambiente em que vivem. Esses dados corroboram os estudos de Marinho (2004), quando apontado que, durante essas práticas, o corpo não é apenas um instrumento de ação, mas de uma relação entre o corpo e o meio ambiente. As PCAs oportunizaram que os estudantes discutissem sobre os problemas ambientais. Também contribuíram para a formação do pensamento sustentável, a observação da importância do meio ambiente e dos recursos naturais à vida humana e salientou o valor dos espaços urbanos, que também devem ser conservados.

As práticas vivenciadas nesta pesquisa possibilitaram aos alunos o desenvolvimento de uma identidade afetiva no contato com o meio ambiente, viabilizando a integração e harmonia com a natureza, promovendo "[...] valores, ideias, sensibilidades e atitudes favoráveis à preservação do meio ambiente" (LIMA, 2009, p. 152). Nesse sentido, a observação participante e os dados dos relatos escritos confirmam aquilo que a literatura aponta a respeito das contribuições das PCAs para a aproximação relacional do ser humano com a natureza.

Práticas Corporais de Aventura e a Interdisciplinaridade

A Educação Física tem um enorme potencial para abranger reflexões de modo interdisciplinar em suas práticas, como por exemplo, a relação do ser humano com a natureza, as questões biológicas, afetivas, cognitivas, socioculturais, geográficas, ética e valores, reflexões essas que não devem ser recortadas, mas abordadas durante as aulas levando em consideração contextos diversos (MARINHO, 2004). Entendemos, portanto, que, ao serem vivenciadas na escola, essas práticas, não devem ser recortadas e tratadas de modo fragmentado, muito menos devem ser entendidas como uma possibilidade unidimensional. Devem ser discutidas de modo interdisciplinar, inter-relacionando a Educação Física com as outras disciplinas e permitindo a integração e o diálogo entre os professores.

Nesta pesquisa, o aspecto da interdisciplinaridade foi desenvolvido de modo pontual. Um bom exemplo disso é a prática de orientação. Esta atividade proporcionou a integração entre aspectos da Educação Física e Geografia, pois os alunos partiam da necessidade da leitura da bússola, de mapas, de geolocalização, identificação dos pontos cardeais para deslocarem-se entre os espaços etc. Para evidenciar estes aspectos interdisciplinares das aulas de Educação Física, ressaltamos a atividade de confecção de mapas da escola. Para a realização da tarefa, os principais

requisitos: o uso de instrumentos de localização geográfica (bússola, rosa dos ventos, dentre outros); elaboração de mapas (incluindo legendas, símbolos geográficos, escalas etc.), dentre outros aspectos que necessitaram dos conhecimentos geográficos anteriores e que foram relacionados com a prática de uma atividade na aula de Educação Física.

Os mapas feitos pelos alunos evidenciam esta prática como possibilidade de atividade interdisciplinar nas aulas de Educação Física. Dentre os vários aspectos envolvidos nas práticas, os principais foram aspectos da Geografia votados à orientação por meio da confecção e leitura de mapas.

Limites e possibilidades

Dentre as dificuldades apresentadas durante a pesquisa e vivência das PCAs na escola está a necessidade de materiais específicos para sua realização. Em alguns casos, a escola não dispôs dos materiais específicos para a prática, como prismas, mapas, bússolas etc. para a orientação, o skate e a fita para o *slackline*. Além disso, alguns desses materiais são de custo elevado, o que pode dificultar a vivência dessa prática no ambiente escolar. Entretanto, muitos desses materiais, quando da impossibilidade de serem adquiridos, podem ser adaptados e confeccionados dentro da própria escola com recursos alternativos. No caso desta pesquisa, quanto a orientação, os prismas e mapas foram confeccionados pelo próprio professor, utilizando recursos alternativos. Quanto à prática do skate, os alunos trouxeram seus próprios skates. Para a vivência do *slackline*, a escola já disponibilizava deste equipamento, já que o custo é relativamente acessível para as escolas.

Uma alternativa para a vivência das PCAs na escola é a transformação didático-pedagógica dessas modalidades (KUNZ, 2003). Além de mudanças na metodologia de ensino, as práticas levam em consideração os conhecimentos precedentes dos estudantes e as possibilidades de materiais para a realização, já que elas não fazem parte do conjunto de conteúdos comumente aceito pelos alunos e pela comunidade escolar.

Para a realização do arvorismo, em contrapartida, são necessários materiais muito simples. A prática pode ser desenvolvida basicamente a partir de cordas, material muito comum nos almoxarifados de Educação Física. Outras atividades podem, ainda, ser vivenciadas sem nenhum material, como no caso do *parkour*, visto que esta prática se apropria dos obstáculos do ambiente que a própria escola dispõe. A prática do *parkour*, é uma atividade que exige pouco material, ou quase nenhum, considerando que os elementos fundamentais para a existência da prática estão na relação do praticante (o estudante) com os espaços (a própria escola) por meio do movimento humano.

No que se refere aos espaços necessários para a vivência das PCAs na escola, é provável que, em muitos casos, não haja ambientes próprios para a sua realização. Contudo, isso não significa a impossibilidade da realização das PCAs, pois há possibilidade de adaptação das atividades aos espaços oferecidos pela escola. Assim sendo, tanto os espaços quanto as próprias atividades podem e devem ser adaptáveis quanto aos procedimentos metodológicos, a fim de atender os conhecimentos prévios dos alunos e as suas habilidades para a realização das atividades. As PCAs possibilitam inúmeras formas de mudanças e de recriação, considerando os espaços disponíveis na escola.

Em muitos casos, as PCAs podem não ser compreendidas pela equipe pedagógica, direção escolar, professores, estudantes e comunidade, o que dificulta o desenvolvimento dessas práticas nas aulas de Educação Física. O estudo realizado por Capaverde, Medeiros e Alves (2012), mostra que muitos professores de Educação Física acreditam que a realização dessas práticas não é viável para o contexto escolar, por se tratar de atividades perigosas, além da falta de equipamentos e a falta de conhecimento dos docentes. Esse estudo vai ao encontro das análises realizadas por esta pesquisa, no que se refere a apresentação das práticas à direção da escola, equipe pedagógica, professores e alunos participantes, como conteúdo a ser ministrados nas aulas de Educação Física.

Em relação a direção e a equipe pedagógica, o apoio foi absoluto, sendo que, em nenhum momento, houve qualquer tipo de restrição nas práticas propostas nesta pesquisa. Entretanto, percebeu-se que tanto a direção quanto a equipe pedagógica apresentaram certos receios com relação à algumas práticas, por exemplo, o skate.

Todavia, a equipe pedagógica acompanhou de perto as práticas, sempre interessada em melhor compreender as propostas, além de colaborar, analisando as possibilidades, dificuldades e desafios que as aulas propuseram. Isso reflete a compreensão de que as práticas propostas nesta pesquisa puderam favorecer um maior envolvimento entre professores e equipe pedagógica, além de exigir tempo para o planejamento e organização das aulas.

Entretanto, quando apresentado o planejamento da proposta das aulas aos demais professores da turma pesquisada, a fim de desenvolver uma prática interdisciplinar, uma das professoras divergiu, alegando que tais atividades eram desinteressantes e de irrelevância pedagógica. Essa situação traz à tona o estudo de Grun (1996 apud POLLI e SIGNORINI, 2012). O autor pontua que desenvolver atividades de Educação Ambiental nas escolas tem sido uma tarefa cansativa, seja pela falta de envolvimento entre os professores, pela falta de incentivo da direção ou até mesmo pela falta de compreensão dos professores sobre a Educação Física na dimensão da Educação Ambiental.

Com relação aos riscos e imprevisibilidade das práticas, conforme abordado por Pimentel (2013), as PCAs não são baseadas em estereótipos de movimentos. Apresentam baixo nível de previsibilidade e, conseqüentemente, disposição ao risco e as incertezas. Nesta pesquisa, constatamos, por meio da observação e dos relatos escritos, que as PCAs, quando vivenciadas no ambiente escolar, nas aulas de Educação Física, também apresentam certa imprevisibilidade. Isso se dá principalmente pelo fato de que, para o professor, as atividades significam sair da rotina e da segurança de suas aulas (tradicionais ou não, nas quadras). Quando os alunos são inseridos em um ambiente diferente do habitual, pode haver certa euforia, diminuindo o foco na atividade (ALMEIDA, 2009).

Apesar do risco e da imprevisibilidade serem aspectos que acompanham as PCAs, esses não devem ser fatores que impossibilitem a sua vivência no contexto escolar, visto que os riscos nas aulas de Educação Física são inerentes ao próprio ato de se movimentar (BRASIL, 1997).

O professor precisa sempre considerar as imprevisibilidades, o fator surpresa, o fenômeno e as situações que podem ocorrer em suas aulas. A partir dessa abertura, ele poderá conduzir os alunos à uma experiência positiva e compreender efetivamente que certos momentos não podem ser criados a partir de um plano de aula. Certos momentos são únicos, acontecem por si só e caso o professor opte em seguir à risca seu planejamento, poderá deixar passar grandes oportunidades de vivência de excelentes experiências.

Os riscos e a imprevisibilidade das PCAs também foram aspectos percebidos pelos participantes deste estudo. Estas foram as características mais enfatizadas nos relatos escritos. O risco e o perigo que compreendem essas práticas foram apontados por 20 (vinte) estudantes em seus relatos. Os alunos também destacaram o medo e a coragem como aspectos marcantes na vivência das PCAs. Podemos perceber essa relação do medo no relato do aluno 14, quando se refere à prática do *parkour*:

"[...] No começo eu fiquei com medo do parkour, mas no final deu tudo certo [...]"

Assim, entende-se que a realização dessas práticas no ambiente escolar está atrelada ao perigo, pois visam à experimentação do novo, uma vez que, segundo Bondía (2002), o perigo se relaciona com a ideia de provar e descobrir os limites. Deste modo, as PCAs vivenciadas na escola proporcionam a descoberta e superação de limites, o desenvolvimento psicossocial dos alunos e promovem a superação de suas expectativas, possibilitando um sentimento de conquista.

Consumado que os riscos fazem parte dessas atividades, isso não significa falta de proteção e cuidado, muito menos a privação dessas práticas do contexto escolar, já que trazem importantes

contribuições no desenvolvimento dos estudantes. Contudo, é fundamental que esses riscos sejam identificados previamente e considerados no planejamento da disciplina, para que medidas de segurança sejam adotadas. Isso inclui, muitas vezes, o uso de equipamentos adequados para a realização das aulas. Portanto, é válido alerta de Marinho (2004) sobre manter prudência e bom-senso quanto aos procedimentos e equipamentos de segurança para o desenvolvimento das atividades, respeitando os limites dos alunos e as imprevisibilidades decorrentes da prática.

CONCLUSÃO

Neste estudo, conclui-se que as PCAs vivenciadas no ambiente escolar possuem características peculiares em relação às demais práticas desenvolvidas nas aulas de Educação Física, tais como: os riscos, as incertezas, a necessidade de equipamentos específicos para a prática, a exploração de novas energias corporais, a descoberta e superação de limites. No contexto das características, destaca-se o contato do praticante com o ambiente (natural ou urbano) que reforça a concepção de que o ser humano é pertencente ao ambiente, com ele interage, o transforma e por ele é transformado.

Os resultados obtidos por este estudo permitem concluir que os estudantes participantes compreendiam que o contato com a natureza é uma das principais características das PCAs. Apesar de terem vivenciado essas práticas previamente, ainda ignoravam as relações que envolvem as PCAs com a natureza, não as compreendendo como possibilidade de vivência na dimensão da Educação Ambiental.

Os dados da pesquisa também destacam que aulas na dimensão da Educação Ambiental têm um papel fundamental no processo pedagógico, pois contribuem numa consciência crítica e emancipatória. Sendo necessário o desenvolvimento de atividades que sensibilizem os estudantes em relação ao seu ambiente vivido, para que com ele estabeleçam uma identidade também afetiva, promovendo valores e atitudes favoráveis à conservação ambiental. Essas contribuições também foram observadas nos resultados deste estudo, pois as PCAs vivenciadas durante a pesquisa proporcionaram o contato e a aproximação dos estudantes com o ambiente, promovendo integração, harmonia, sensibilidade e atitudes de conservação com a natureza.

As vivências também permitiram aproximação dos estudantes com seus próprios corpos, mediante a intensificação da relação corpo-ambiente, possibilitando o sentimento de pertencimento ao todo. Assim, as atividades propostas, vivenciadas na dimensão da Educação Ambiental, oportunizaram discussões quanto aos problemas socioambientais e reflexões quanto a conservação e o cuidado com a natureza, o que contribuiu para a formação do pensamento sustentável. Deste

modo, tais práticas proporcionaram a criticidade a respeito da relação corpo/movimento, corpo/ambiente e corpo/sociedade.

Essas práticas proporcionam estímulos importantes no desenvolvimento dos estudantes, pois são atividades que valorizam diversos aspectos: cultural, cognitivo, afetivo-social, dentre outros, além de superar os aspectos de regras de vitória e derrota, de ganhar ou perder, indo a além da obediência a gestos técnicos, regras e imitação de ações motoras, já que são baseadas na solidariedade.

Neste estudo, foi possível perceber as práticas corporais desenvolvidas no espaço escolar também pode oportunizar sensações e sentimentos. Assim, essas práticas acabam por potencializar mudanças pessoais, de comportamento e atitudes, despertando valores, como: cooperação, respeito, trabalho em equipe, amizade, solidariedade, gentileza, responsabilidade, tolerância, compreensão, ética, confiança, honestidade e sinceridade.

Percebemos que tais vivências mobilizam os estudantes, tirando-os da zona de segurança, gerando instabilidades para que os alunos venham a utilizar da criatividade e outras capacidades na busca de soluções dos problemas que tais práticas oferecem. Neste sentido, podemos fazer uma relação com os problemas socioambientais, pois, afinal, não é isso que a sociedade precisa fazer? Desenvolver capacidades de criar estratégias para a resolução de problemas, como: a destruição dos ecossistemas; o (des)equilíbrio entre o desenvolvimento econômico e preservação dos recursos naturais; estratégias de controle do solo para produção de alimentos, assim como a sua distribuição, a fim de combater a fome e a miséria no planeta; além de estratégias para a solução de conflitos sociais; e tantos outros problemas?

Portanto, mais uma vez, identificamos aspectos que nos fazem acreditar que as PCAs podem e devem ser desenvolvidas nas aulas de Educação Física escolar na dimensão da Educação Ambiental. Por todas essas contribuições, considera-se viável e importante a vivência das PCAs como opção ao paradigma da complexidade para a Educação Física escolar.

Entretanto, este estudo também apresentou alguns aspectos que os desafiam. Destacamos as impossibilidades de adaptações de certas PCAs em função dos espaços do ambiente escolar. Devemos aceitar que certas práticas, que acontecem em diversos ambientes, possuem certas especificidades que as tornam insubstituíveis e inadaptáveis na escola, sendo totalmente incompatíveis com os espaços escolares, pois, muitas modalidades necessitam um alto nível técnico e equipamentos específicos para a prática. Entretanto, o propósito da vivência das PCAs nas aulas de Educação Física é oportunizar o contato e integração dos participantes com o seu ambiente, seja em espaços verdes ou urbanos e alimentar o anseio pelo cultivo de um mundo melhor, com

estudantes que se voltem para as questões socioambientais e para o respeito a si e aos outros, contribuindo numa sociedade melhor.

Considerando ainda as limitações de vivência das PCAs na escola, aponta-se os riscos das atividades, a falta de materiais e a falta de espaços como condições que dificultam a vivência dessas práticas. Contudo, assim como apontado nas análises dos dados, os materiais podem ser adaptados ou confeccionados com recursos alternativos. Já outras atividades necessitam muito pouco ou nenhum material e são passíveis de adaptações conforme o espaço. Quanto aos riscos, desde que sejam identificados previamente e as medidas de segurança necessárias adotadas, não impossibilitam tais vivências.

Diante desses limites, é possível estabelecer a pergunta: o que realmente impossibilita a vivência das PCAs no ambiente escolar? Compreendemos que o conhecimento quanto às possibilidades dessas práticas é um fator primordial para a sua efetivação nas aulas de Educação Física na dimensão da Educação Ambiental. A partir do momento que professores, diretores, pedagogos, pais e estudantes entendam as contribuições que tais vivências podem proporcionar na prática pedagógica, as PCAs se efetivarão como excelentes oportunidades de renovação do ensino, não somente da Educação Física escolar, mas na perspectiva de estar presente nos diversos níveis da formação do ensino básico, alterando a lógica escolar em projetos interdisciplinares que possam envolver professores, pais, funcionários e alunos em diversos ambientes de ensino-aprendizagem. Portanto, reiteramos a importância de estudos que busquem o diálogo entre as diversas dimensões do saber.

Por ser um conteúdo recente, são necessários mais estudos e pesquisas para aprofundamentos teóricos nesta área e para a inserção de possibilidades de pensar a Educação Ambiental, de forma significativa, na formação inicial e continuada dos professores de Educação Física para que sejam capazes de desenvolver, entre outras atividades, as PCAs na dimensão da Educação Ambiental. A ampliação de cursos de formação continuada sobre a temática é imprescindível para os professores de Educação Física e demais para que possam refletir conjuntamente sobre possibilidades de aulas nesta perspectiva.

Por fim, aponta-se que tais práticas corporais, por si só, não tornam os sujeitos protetores da natureza, mas contribuem para tal. As PCAs, isoladamente, são insuficientes para mudar os rumos do planeta, mas certamente são uma relevante possibilidade para tanto. A mesma observação cabe à Educação Ambiental. Se trabalhada de forma isolada, ou se assim considerada, também é incapaz de resolver os problemas ambientais. Contudo, é condição indispensável neste processo. Por mais difícil que seja essa realidade, é possível e necessário abordar a temática Educação Ambiental nas aulas de Educação Física.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Ana Cristina P. C. Esporte, Aventura e Natureza: o praticante e a responsabilidade ambiental. In: MARINHO, Alcyane; UVINHA, Ricardo Ricci (org.). **Lazer: esporte, turismo e aventura: a natureza em foco**. Campinas: Alínea, 2009.
- BETRÁN, Javier Olivera; BETRÁN, Alberto Olivera. Proposta pedagógica para as atividades físicas de aventura na natureza (AFAN) na Educação Física no ensino médio. In: MARINHO, Alcyane; BRUHNS, Heloisa Turini (org.). **Viagens, lazer e esporte: o espaço da natureza**. São Paulo: Manole, 2006.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira da Educação**. Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./fev./mar./abr. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 05 abr. 2023.
- BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução Nº 466, de 12 de dezembro de 2012**. 2012. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em: 29 maio 2022.
- BRASIL. Ministério da Educação - MEC. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação física / Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRUHNS, Heloisa. O ecoturismo e o mito da natureza intocada. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, Maringá, v. 32, n. 2, p. 157-164, 2010. DOI: [10.4025/actascihumansoc.v32i2.8677](https://doi.org/10.4025/actascihumansoc.v32i2.8677). Acesso em: 05 abr. 2023.
- CAPAVERDE, Mariane Rech; MEDEIROS, Tiago Nunes; ALVES, Sérgio Luiz Chaves. Esporte de Aventura nas Aulas de Educação Física: Uma Alternativa ao Alcance dos Profissionais? **Revista Vento e Movimento**, Osório, v. 1, n. 1, abr. 2012. Disponível em: http://facos.edu.br/publicacoes/revistas/vento_e_movimento/abril_2012/pdf/esporte_de_ventura_nas_aulas_de_educacao_fisica_-_uma_alternativa_ao_alcance_dos_profissionais.pdf. Acesso em: 05 abr. 2023.
- FRIEDMANN, Georges. O lazer e a civilização tecnicista. In: OLIVEIRA, Paulo de Salles. **O Lúdico na Cultura Solidária**. São Paulo: Hucitec, 2001.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2022.
- GONÇALVES, Maria Augusta Salin. Reflexões Sobre as Aulas de Educação Física. **Kinesis**, Santa Maria, v. 2, n. 2, p. 145-159, jul./dez. 1986. DOI: [10.5902/2316546410255](https://doi.org/10.5902/2316546410255). Acesso em: 05 abr. 2023.
- INÁCIO, Humberto Luís de Deus. Travessuras na natureza: perspectivas de formação e atuação profissional no centro oeste. In: Congresso Centro-Oeste de Ciências do Esporte, 3., 2008, Cuiabá. **Anais...** Cuiabá: CBCE-MT, 2008.
- INÁCIO, Humberto Luís de Deus; MORAES, Thais Messias; SILVEIRA, Amanda Batista de. Educação Física e Educação Ambiental: Refletindo Sobre a Formação e Atuação Docente. **Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP**, Campinas, v. 11, n. 4, p. 1-23, out./dez. 2013. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/download/8637587/pdf/7635>. Acesso em: 05 abr. 2023.
- KUNZ, Elenor. **Transformação Didático-Pedagógica do Esporte**. 5. ed. Ijuí: Unijuí, 2003.

LIMA, Gustavo Ferreira da Costa. Educação ambiental crítica: do socioambientalismo às sociedades sustentáveis. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 35, n. 1, p. 145-163, jan./abr. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/tSMJ3V4NLmxYZZtmK8zpt9r/?format=pdf>. Acesso em: 05 abr. 2023.

MARINHO, Alcyane. Atividades na natureza, lazer e educação ambiental: refletindo sobre algumas possibilidades. **Motrivivência** – Revista de Educação Física, Esporte e Lazer, Florianópolis, v. 16, n. 22, p. 47-69, jun. 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/1184/1919>. Acesso em: 05 abr. 2023.

MARINHO, Alcyane; INÁCIO, Humberto Luís de Deus. Educação Física, Meio Ambiente e Aventura: Um Percurso por Vias Instigantes. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**. Campinas, v. 28, n. 3, p. 55-70, maio. 2007. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/download/23/30>. Acesso em: 05 abr. 2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (org.); DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 32. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

PIMENTEL, Giuliano Gomes de Assis. Esportes na natureza e atividades de aventura: uma terminologia aporética. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 35, n. 3, p. 687-700, jul./set. 2013. DOI: [10.1590/S0101-32892013000300012](https://doi.org/10.1590/S0101-32892013000300012). Acesso em: 05 abr. 2023.

POCIELLO, Christian. Os desafios da leveza: as práticas corporais em mutação. In: SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de (org.). **Políticas do Corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

POLLI, Anderson; SIGNORINI, Tiago. A inserção da Educação Ambiental na Prática Pedagógica. **Ambiente & Educação**, Rio Grande. v. 17, n. 2, 2012. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/ambeduc/article/view/2595/2169>. Acesso em: 05 abr. 2023.

STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet. **Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

TAHARA, Alexander Klein; FILHO, Sandro Carnicelli. A presença das atividades de aventura nas aulas de Educação Física. **Arquivo de Ciências do Esporte**, Uberaba, v. 1, n. 1, p. 60-66, 2012. Disponível em: <https://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/aces/article/view/245/366>. Acesso em: 05 abr. 2023.

NOTAS DE AUTOR

AGRADECIMENTOS

Aos colegas professores que contribuíram criticamente na construção desta pesquisa.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA - Não se aplica.

FINANCIAMENTO - Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM - Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal do Paraná, CAAE: 47933115.8.0000.0102, em 23 de março de 2016.

CONFLITO DE INTERESSES

Os autores informam que não houve conflitos de interesse.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Motrivivência - ISSN 2175-8042** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution Non-Comercial ShareAlike](#) (CC BY-NC SA) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, desde que para fins **não comerciais**, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico desde que adotem a mesma licença, **compartilhar igual**. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico, desde que para fins **não comerciais e compartilhar com a mesma licença**.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. LaboMídia - Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Mauricio Roberto da Silva, Giovani De Lorenzi Pires, Rogério Santos Pereira.

EDITOR DE SEÇÃO

Juliano Silveira

REVISÃO DO MANUSCRITO E METADADOS

Juliana Rosário; Maria Vitória Duarte

HISTÓRICO

Recebido em: 29.06.2022

Aprovado em: 04.04.2023